



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2023

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

SECÇÃO A ROMANCE / NOVEL

O último voo do flamingo, Mia Couto

PERGUNTA 1

- 1.1 O narrador é um indivíduo de Tizangara chamado por Estêvão Jonas para acompanhar Massimo Risi na sua investigação da explosão dos soldados da ONU. O narrador é o intérprete, um elemento do povo com conhecimento da língua portuguesa e da língua africana local, que na obra se apresenta e intitula de tradutor.

O narrador é um tradutor de culturas. É ele que estabelece a ponte entre as tradições orais e a escrita, isto é, a ponte entre os antecedentes que provocaram a insatisfação do povo e levaram aos rebentamentos, para que Massimo Risi compreendesse quão diferente era o universo em que penetrara. As suas palavras no princípio do livro, 'o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram', salientam o seu distanciamento da função habitual de um narrador, visto a sua missão se dirigir para além do concreto, nomeadamente a recuperação de tradições, mitos e lendas esquecidos devido aos anos de guerra. É o tradutor de culturas e de espaços desconhecidos de Massimo Risi.

- 1.2 1.2.1 Massimo Risi é o investigador italiano representante das Nações Unidas que acompanha a delegação de inspecção aos rebentamentos. Fica em Tizangara para proceder à inspecção para a qual foi indigitado. Ele é o 'estrangeiro', desconhecedor da cultura local e a quem é preciso 'traduzir' o que vive.

Espaço – Tizangara, vila no norte de Moçambique. Tempo – após a guerra civil, durante a permanência dos capacetes azuis no país para manter a paz depois do acordo assinado entre a Frelimo e a Renamo.

- 1.2.2 O próprio nome da personagem é uma ironia. Massimo Risi quer dizer uma grande (Massimo) gargalhada (Risi). Depressa Risi compreende que não está num lugar comum, o que ouve e vê confunde-o. Risi fala o português, mas sendo um indivíduo de cultura e raciocínio eurocêntricos, não entende o universo fantástico em que se encontra em que os capacetes azuis explodem sem deixar vestígio do corpo, ficando apenas no solo, como ameaça, o falo. Para este entendimento, é essencial a presença do narrador-tradutor. O nome do investigador refere a impossibilidade de cumprir a sua missão, cai num mundo diferente em que tudo é explicado à luz de simbolismos baseados em crenças e tradições.

- 1.3 Referência à guerra de destabilização ou guerra dos dezasseis anos.

- 1.4 O povo receia o recrudescer da guerra civil. Os buracos visíveis nas fachadas das casas fazem o povo recordar os tiroteios na vila que tantas mortes causaram, nunca esquecidos pelos vestígios dos tiros que permanecem como uma ameaça.

- 1.5 1.5.1 Martelo é um símbolo marxista, proletário indicando os operários que supostamente estiveram no surgimento do comunismo; o anterior nome da pensão denota o anterior regime político comunista existente no país antes do acordo assinado entre a Renamo e a Frelimo que acabou com a guerra dos dezasseis anos.
- 1.5.2 O símbolo foi ironicamente recodificado porque da época marxista passou-se a uma capitalista, sendo o nome rapidamente alterado para Martelo Jonas, neste caso apontando para a nova época política e para o autoritarismo e corrupção do administrador Estêvão Jonas, que se apropriou da pensão.
- 1.5.3 "Mudam-se os tempos, desnudam-se as vontades" constitui uma alteração do verso do poema de Camões 'mudam-se os tempos, mudam-se as vontades'. No caso do romance, não são os desejos ou objetivos que mudam com o tempo; neste caso, à medida que o tempo passa são desvendadas as intenções das pessoas, aquilo que se propõem fazer, que ocultaram e que não é de imediato perceptível. A frase refere-se, obviamente, ao administrador Jonas e à esposa.
- 1.5.4 Estêvão Jonas é o administrador corrupto e autoritário que não deseja o fim da desminagem porque, uma vez terminada, acabariam os subsídios. Estêvão Jonas esqueceu os valores pelos quais milhares de moçambicanos lutaram nos anos de guerra de libertação. Finda esta, a ambição e a ganância prevalecem. Jonas pertence à classe dos poderosos que, movidos pelos seus próprios interesses, se esquecem de sua própria terra.

OU

PERGUNTA 2

Os ditos referem a explosão da insatisfação e revolta do povo, e o universo fantástico da cultura local. As explosões representam a castração do poder e influência estrangeiros, o protesto contra a possibilidade de reprodução estrangeira e duração da intervenção da ONU, o que seria prejudicial para o processo de emancipação da nação moçambicana e da formação da identidade nacional; uma identidade influenciada pelo exterior desrespeitaria as culturas locais, as suas tradições, as suas crenças.

O segundo dito aponta para a corrupção de Jonas. Os subsídios enviados pelo «domínio estrangeiro» eram algo que Jonas não queria perder. Ele e a esposa viviam bem, Jonas tinha poder, razão por que voltava a replantar as minas retiradas para que esses subsídios se repetissem indefinidamente, facto inteiramente rejeitado pelo povo que sabia da corrupção de Jonas.

Espera-se que os candidatos conheçam a obra que estudaram durante o ano e sejam capazes de focalizar as diversas situações e os seus significados, incluindo o do flamingo, a do tradutor e, por fim, o desfecho, a esperança de um (Risi) e a desesperança de outros.

SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO / DRAMA

PERGUNTA 3 *Deus lhe pague*, Joracy Camargo

- 3.1 O Mendigo é a personagem principal que deseja vingar-se da sociedade e da injustiça que sofrera. O que impulsiona a vingança é o roubo dos desenhos do invento pelo próprio director da fábrica em que trabalhava. O Mendigo é um homem desiludido com a sociedade na qual apenas vê interesse próprio e desprezo pelos desfavorecidos. Não vê na esmola algo genuíno, a doação do fundo do coração, vê apenas a crença dos pecadores que na esmola esperam o perdão de Deus e querem garantir a sorte, o bem estar. É materialista e critica a desigualdade social. Mostra-se seguro das convicções a que chegara durante a sua vida de pedinte. Arrogante, acha o seu pensamento superior.

O Outro é o outro mendigo que aparece a esmolar à porta da igreja. Representa o discípulo que aceita a relação e o ensinamento do mestre, neste caso o Mendigo. A conversão à filosofia do mestre significa uma mudança de vida, a saber: mudança na maneira de pedir esmola que, face ao exemplo do Mendigo, o levaria também à riqueza. O Outro revela-se ingénuo no que diz respeito a quem dá esmola. Crê que as pessoas o fazem por sincera pena do esmolante e não por interesse próprio, isto é, como forma ilusória de manterem a felicidade. O Mendigo é o homem experiente, com pensamentos firmes sobre a sociedade, e o Outro, com o Mendigo, inicia o seu 'estudo' da sociedade.

- 3.2 Ao esmolar, o Mendigo usa a palavra chave: fome. Vieira de Castro, com a sua agitação, revela uma possível luta evitada de corrupção para se manter no poder à custa fosse do que fosse ou fosse de quem fosse. A perda da riqueza representava a fome, palavra que certamente o fez lembrar a fraca posição em que possivelmente se encontrava. Poderia perder tudo o que conseguira e ter de enfrentar a miséria e a fome.
- 3.3 O Mendigo refere que na luta pelo poder e domínio algo não correria bem a Vieira de Castro que, para vencer, certamente 'esmagara' os seus adversários, daí o peso na consciência. Vai à igreja e dá esmola na esperança de conseguir as graças de Deus e ter os pecados perdoados.
- 3.4 3.4.1 Refere-se aos poderosos, aos indivíduos das classes ricas, aos capitalistas que, para ascenderem na escala da riqueza, cometem toda a espécie de desonestidades, a política necessária para obtenção de poder. Espera-se uma resposta mais desenvolvida.
- 3.4.2 O Mendigo refere a luta pelo poder, a miséria moral, a decadência social, a mentira. Quem consegue dinheiro, passa a vida no terror de perdê-lo, por isso comete toda a espécie de ignomínias para o conservar, e assim torna-se um pobre de espírito. Nada conta, só a posição económica e social, só o dinheiro interessa. A resposta poderá ser um pouco mais desenvolvida à luz da contextualização da peça.
- 3.5 A frase sublinhada é uma ironia, pois o Mendigo é riquíssimo. As reticências correspondem à interrupção do fluxo do pensamento, deixando ao leitor a curiosidade e desejo de saber mais.

Os candidatos devem referir o roubo dos planos da invenção de Juca (Mendigo) que tenta reavê-los mais tarde mas, nessa ação, é acusado de ladrão, preso e condenado. Esta injustiça leva-o a desejar cobrar da sociedade o que esta lhe devia, visto que as pessoas a quem pedia esmola pertencem todas à classe social do Senhor – o chefe de Juca -, à classe dos exploradores, daqueles que se aproveitam dos mais fracos.

OU

PERGUNTA 4

A referir – as críticas à classe capitalista e exploradora e, por extensão, ao que se passa no país.

O acontecimento que leva Juca à prisão e a tornar-se Mendigo depois de ter sido solto, para conseguir obter o que a sociedade lhe devia.

A miséria moral dos mais ricos, o egoísmo que leva à exploração.

A resposta encontra-se dispersa em algumas das respostas dadas a algumas questões.

SECÇÃO C CONTO / SHORT STORY

PERGUNTA 5 «O Jantar do Bispo», de Sophia de Mello Breyner

5.1 A contista escolheu o nome para o conto para denunciar algo importante. O tema central pode estar contido no título. O Bispo é um sacerdote e o princípio do sacerdócio é o bem. Porquê o jantar de um sacerdote que se supõe ser regrado? O nome mostra como o Bispo é importante para a denúncia da autora, a leitura mostra como a igreja era um apoio dos ricos e dos regime de ditadura, como está sujeita a manipulações que é preciso combater. A igreja era manipulada ao sabor dos ricos e poderosos, como se verifica no enredo do conto. A autora mostra interesse na situação da igreja e na certeza de que era preciso combater o apoio para o regime de ditadura.

5.2 O Dono da Casa era autoritário, agradava-lhe manter a autoridade senhorial de tempos antigos. O primo Pedro, pelo contrário, e em contraste com a antiga autoridade dos grandes senhores, tornara-se um democrata contra o regime ditatorial existente em Portugal, contra a censura e a favor do direito à greve e do pagamento de um salário justo a quem desempenhasse qualquer função, sendo esta maneira de ver o oposto à mesquinhez do Dono da Casa, que pagava miseravelmente aos seus trabalhadores, razão da existência da miséria em Varzim.

Dono da Casa – autoritário, injusto, falso, destituído de sentimentos, despreza os inferiores, pratica uma falsa caridade. Não olha aos meios para atingir os fins.

Primo Pedro – democrata contra o regime existente em Portugal, justo. Espera-se melhor caracterização.

5.3 Primo Pedro – antepassados aristocratas. Na sua família havia casamentos por amor, não por interesse. O avô do primo Pedro tinha casado com uma atriz, uma senhora obviamente sem dinheiro, e o «seu pai casara com uma parente tão arruinada como ele», obviamente por amor também. Ao longo dos anos a família perdera todos os bens, vendidos lentamente à medida das necessidades económicas. Desta forma salienta-se a honestidade e o carácter dos antepassados do primo Pedro. A maior parte dos bens fora comprada pela família do Dono da Casa, que agora apresenta como seus os antepassados que, na verdade, eram do primo Pedro.

O avô do Dono da Casa casara com a filha dum negreiro, um homem que enriquecera à custa da venda de escravos, denotando falta de carácter e moral; o pai do Dono da Casa tinha casado com a filha dum agiota, quer dizer, à custa das dívidas criadas por outros; um agiota é alguém que empresta dinheiro com juros elevadíssimos; como os endividados não pudessem pagar, o progenitor do Dono da Casa ficara com tudo o que fora hipotecado. Tanto o casamento do avô como o do pai do Dono da Casa tinham sido muito lucrativos financeiramente. Assim o Dono da Casa ascendera na escada social e económica, que lhe «permitia ... manter estreitas relações com financeiros dominantes e fazer parte de vários conselhos de administração.»

- 5.4 Não lhe convinha convidar o primo Pedro pois sabia que contrariaria a verdadeira razão do jantar: afastar o padre de Varzim. Como as opiniões e ideias de Pedro eram opostas ao do Dono da Casa, este não o convida. Abstrai-se claramente a denúncia da autora da situação existente em Portugal no regime salazarista e a ditadura fascista. Pode dizer-se que, nesta obra, o primo Pedro aparece como representante do povo que se insurgia contra a interdição da liberdade de imprensa, o direito à greve, os injustos salários que na generalidade eram auferidos. O silêncio que existia, devido ao ambiente causado pela Pide, restringia a liberdade e tornava algo remoto a implantação da democracia.
- 5.5 Os candidatos deverão responder à pergunta, abstraindo, para além das que foram inseridas na pergunta anterior, outras partes do texto que contenham crítica, assim como partes da obra estudada.

OU

PERGUNTA 6

O desenrolar da trama pode também ser considerado a luta entre os valores impostos pela tradição, entre o autoritarismo, a opressão e a exploração dos mais fracos, e os valores de justiça social trazidos pelo progresso que se disseminara pela Europa: a democracia, a liberdade de expressão, o direito à greve e outros valores democráticos. Os candidatos terão de desenvolver o tema do ensaio nesta direção, apoiando-se em aspetos que justifiquem as suas afirmações, sendo imprescindível a referência à encarnação do bem e do mal e o seu verdadeiro sentido no contexto da pergunta.

SECÇÃO D POESIA / POETRY

PERGUNTA 7 «É inútil chorar» de António Cardoso

A considerar: contextualização; interpretação do título como essência do assunto explorado; esclarecimento preciso do significado dos versos, integração na poesia-narrativa, a relação dos articuladores discursivos com o assunto; repetição do verso «Se choramos aceitamos, é preciso não aceitar», função de linguagem

OU

PERGUNTA 8 “Alma minha gentil, que te partiste”, de Luís de Camões

8.1 A composição poética é um soneto, visto ser constituído por um total de 14 versos decassilábicos distribuídos por duas quadras e dois tercetos, revela-se a estrutura petrarquista.

8.2 Quadras – abba – rima interpolada
Tercetos – cdcdcd – rima cruzada ou alternada

8.3 8.3.1 Aumentaria a pontuação se os candidatos soubessem que o poema é dedicado a Dinamene, jovem escrava de Camões que pereceu num naufrágio na flor da idade. O amor profundo que o poeta lhe dedicava, o vazio, o desespero, a falta de sentido na vida após a morte da amada, a ponto de desejar a própria morte.

8.3.2 Reconheça e explique os versos correspondentes:

(a) Desejo de que a amada tenha conseguido a paz eterna após a morte. «Repousa lá no Céu eternamente»

(b) O eu poético crê firmemente que a amada se encontra na morada celeste, no céu, o reino puro de acordo com a sua amada, para além da morte, e talvez se possa lembrar da vida terrena.

Embora os versos pressuponham essa crença «Se lá no assento etéreo, onde subiste, / Memória desta vida se consente» e de que o amor pode prosseguir para além da morte, «Que tão cedo de cá me leve a ver-te», a condicional «se» contraria-a um pouco, visto indicar ignorância do eu quanto ao que na verdade acontece após a morte.

(c) Mais do que simples pedido, o eu poético implora à amada que não se esqueça do amor que o eu lhe dedicou. «Não te esqueças daquele amor ardente / Que já nos olhos meus tão puro viste.»

(d) O eu poético sente que não pode viver sem a amada, transvaza a sua emoção; suplica-lhe que interceda por ele, que peça a Deus que o leve depressa para junto dela. «Roga a Deus que teus anos encurtou, / Que tão cedo de cá me leve a ver-te, / Quão cedo de meus olhos te levou.

8.4 Eufemismo – para suavizar um acontecimento trágico e triste

Antítese – nos espaços, cá e lá.

Os candidatos deverão deter-se no valor expressivo das duas figuras de estilo.

Total: 70 marks